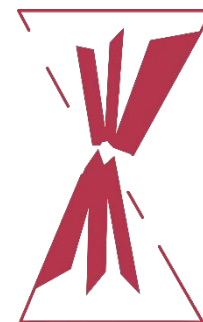


A comunidade virtual “Boa Ventura de São Roque é Assim”: *uma história feita pelo público*

“Boa Ventura de São Roque is like this” virtual community: *a history made by the public*



NASCIMENTO, Éder Dias do*

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre a comunidade do *Facebook* “Boa Ventura de São Roque é Assim”, que foi analisada como um projeto de história feita pelo público sobre a cidade de Boa Ventura de São Roque/PR. O objetivo do trabalho foi conhecer e compreender as especificidades da citada *fanpage* como espaço de divulgação da memória. O estudo é exploratório e seus resultados evidenciam a necessidade de os historiadores públicos estarem atentos às diferentes narrativas históricas e ao potencial dos projetos informais de divulgação da história das cidades nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; lugar da memória; história pública.

ABSTRACT: This article presents a reflection on the *Facebook* community ‘Boa Ventura de São Roque é Assim’ (*Boa Ventura de São Roque is Like This*), analyzed as a project of history made by the public about the city of Boa Ventura de São Roque, State of Paraná, Brazil. The objective of the study was to know and understand the characteristics of the referred fan page as a space for dissemination of memories. The study is exploratory, and its results evidence that public historians need to be attentive to the different historical narratives and the potential of informal projects to disseminate the history of cities in social networks.

KEYWORDS: city; memory place; public history.

Recebido em: 01/05/2019
Aprovado em: 30/08/2019

* Graduado em história pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), Guarapuava, estado do Paraná (PR), Brasil. Mestre em história pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campo Mourão (PR), e professor efetivo da rede pública estadual do Paraná, Brasil. E-mail: ederptga@gmail.com.

Introdução

As discussões sobre História Pública¹ iniciam-se com mais vigor entre os anos 1970 e 1980 (ALMEIDA; ROVAL, 2013, p. 1-2). No contexto britânico ela era sensível às questões ligadas à memória, à narrativa e aos conteúdos identitários, abordadas de uma perspectiva alinhada à “história vista de baixo”².

No caso estadunidense, com engajamento político menor se comparado aos ingleses, a ênfase recaía sobre a necessidade de expandir a audiência da história. Uma das preocupações evidenciadas era “lidar com um público diverso e com as mídias; refletir sobre os sujeitos fora do ambiente acadêmico, com suas vontades e discursos múltiplos”³ (ALMEIDA; ROVAL, 2013, p. 2).

No Brasil, semelhante aos dois exemplos acima mencionados, a História Pública é marcada por uma realidade particular⁴. Ao contemplá-la, Ricardo Santhiago mapeia as seguintes possibilidades de atuação para os historiadores públicos: “história para o público, história com o público, história feita pelo público e história e público” (SANTHIAGO *apud* SOARES, 2017, p. 569).

Em especial, na “história feita pelo público” estão as variações não acadêmicas e com frequência desenvolvidas por pessoas sem formação de historiador (SANTHIAGO *apud* SOARES, 2017, p. 583). Dentro delas situam-se os memorialistas e seus projetos de difusão da história/memória.

O enfoque deste texto na história feita pelo público converge com diversas inquietações ligadas à relação entre redes sociais e espaço urbano, surgidas da disciplina “Cidade, Patrimônio Urbano e Ensino de História”, ministrada pelo prof. Dr. Michel Kobelinski, no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da

¹ A História Pública é um movimento centrado na divulgação da história para diferentes públicos. Nele, além dos historiadores, outros profissionais encontram espaço de atuação, por exemplo: “jornalistas, radialistas, cineastas, em suas tantas subcategorias”. “E há também os bibliotecários, sociólogos, arquivistas, escritores, memorialistas, diletantes e tantos outros agentes que têm a história e o público em sua pauta de interesses. A forma de inserção de cada um desses agentes no campo da história pública é que é uma questão delicada, já que eles respondem a demandas muito diferentes que nem sempre se afinam, nem deveriam se afinar, ao crivo acadêmico. Fazer a mediação entre essas várias instâncias é um desafio” (SANTHIAGO, 2014, n.p.).

² A “história vista de baixo” diz respeito à história das “pessoas comuns”, aquelas sem um envolvimento direto com os grandes acontecimentos políticos e econômicos do passado (SHARPE, 1992, p. 54), por exemplo: a história das mulheres, dos operários, dos camponeses, etc.

³ “Embora a prática seja muito anterior, muitos autores já mostraram como o conceito de “história pública” surgiu com a grande crise de empregos da década de 1970 nos Estados Unidos, quando o historiador Robert Kelley, entre outros, procurou conceituar esse fenômeno do surgimento (ou da criação!) de carreiras ou de um potencial mercado de trabalhos alternativos à carreira acadêmica para historiadores que não conseguiam ingressar nos postos das universidades” (MALERBA, 2014, p. 28).

⁴ Na pós-graduação, dentro da realidade particular brasileira, algumas iniciativas voltadas à construção das bases de um movimento mais consistente já podem ser mapeadas. Este é o caso do mestrado em História Pública da Universidade Estadual do Paraná cuja primeira turma de pós-graduandos iniciou suas atividades no ano de 2019. Em relação aos eventos, registra-se o 1º, 2º, 3º e 4º Simpósio Internacional da Rede Brasileira de História Pública.

Universidade Estadual do Paraná, entre os meses de agosto e dezembro de 2016. Nesse período, o autor deste artigo iniciou uma investigação sobre a cidade de Boa Ventura de São Roque/PR. Para este trabalho, uma das sugestões de Kobelinski dizia respeito à relevância de problematizar as imagens que faziam parte do acervo da comunidade virtual “Boa Ventura de São Roque é Assim”.

Com este objetivo particular, várias leituras ampliaram as reflexões iniciais, entre elas, do artigo *Histórias de municípios narradas nos seus sites oficiais: a História Pública e seu potencial para a pesquisa histórica*, de Jorge Pagliarini Junior (2017). Nele, o autor sonda a narrativa histórica apresentada ao grande público por 25 municípios da região de Campo Mourão/PR, centrando-se na relação entre história, memória, esquecimento e identidade presentes nas páginas oficiais dos integrantes da Comunidade dos Municípios da Região de Campo Mourão (COMCAM)⁵.

Sobre a investigação desenvolvida, Junior pontua que o uso da *internet* enquanto veículo oficial de divulgação da história dos municípios possibilita diferentes apreciações do passado. As quais, “ora procuram sintetizar discursos presentes nas memórias e representações sobre a história dos lugares, ora projetam leituras que se pretendem tornar oficiais” (2017, p. 249).

O estudo desse autor também possibilita-nos perceber dois movimentos: o dos espaços oficiais e o dos espaços não oficiais de divulgação da história. Frente a eles, três aspectos merecem atenção: i) o impacto das redes sociais sobre o relacionamento das pessoas com o saber histórico; ii) a especificidade da narrativa (textos, imagens, sons, etc.) da história dos municípios, seu formato e audiência nos diversos suportes disponíveis no ciberespaço; iii) o surgimento de espaços informais na internet com a finalidade de corroborar, ampliar ou negar determinadas interpretações históricas.

Ao tencionar esse último eixo, interpelamos a comunidade estudada como uma iniciativa informal de divulgação histórica. A qual foi criada em 20/2/2012 e tem 2.832⁶ membros na atualidade. Nesse espaço podem ser encontradas informações sobre esporte, vendas de imóveis, fotos antigas digitalizadas e recados de utilidade pública. Se comparada com páginas do *Facebook* como a “Tastemade Brasil” e seus 16.217.367⁷ seguidores, trata-se de uma iniciativa bem modesta. Contudo, ao focar um município pequeno e emancipado há poucos anos, com uma população estimada de 6.554

⁵ Os seguintes municípios paranaenses compõem a COMCAM: Altamira do Paraná, Araruna, Barbosa Ferraz, Boa Esperança, Campina da Lagoa, Campo Mourão, Corumbataí do Sul, Engenheiro Beltrão, Farol, Fênix, Goioerê, Iretama, Janiópolis, Juranda, Luiziana, Mamborê, Moreira Sales, Nova Cantu, Peabiru, Quarto Centenário, Quinta do Sol, Rancho Alegre D'Oeste, Roncador, Terra Boa e Ubiratã.

⁶ Consulta em 20/04/2019, na página da comunidade do facebook *Boa Ventura de São Roque é Assim* (2012).

⁷ Consulta em 30/12/2017, na página da comunidade do facebook *Tastemade Brasil* (2015).

habitantes, menor que a de um bairro de Curitiba, sendo 1.544 na área urbana e 5.010 na rural (IPARDES, 2017, p. 13), a comunidade desenvolve um setor pouco contemplado pelas políticas públicas municipais.

Provendo-nos de elementos para pensar essa comunidade a partir de um quadro mais amplo de reflexões, Thais Nívia de Lima e Fonseca, ao focar questões relacionadas à mídia, aponta a existência de conflitos entre a academia e as iniciativas não acadêmicas de produção e divulgação da história (FONSECA, 2016, p. 188). Embates suscitados quando diferentes produções (tv, internet, radio etc.) dão audiência a interpretações incoerentes do passado, a ponto de surgirem críticas dos historiadores profissionais que reforçam a separação entre eles e o grande público.

Em face desse distanciamento, a História Pública é um dos caminhos para que a produção da academia encontre novas formas de o historiador transmiti-la à sociedade⁸, sobretudo, ao levar-se em conta a existência de um gosto do público pela história, todavia, nem sempre aquela produzida com o uso da linguagem acadêmica.

A este respeito, Anita Lucchesi e Bruno Leal Pastor de Carvalho, em alusão aos dados de 2013 da empresa Brandindex, enfatizam o caso do canal History Channel, presente em mais de 125 países, um símbolo de interesse social pela história. Interesse, do mesmo modo, explorado com fins comerciais por revistas, desenhos, filmes e inúmeras efemeridades (CARVALHO; LUCCHESI, 2016b, p. 149), algumas delas marcadas pela presença de historiadores.

Um aspecto muito presente no trabalho desses profissionais é a complexidade relacionada aos formatos de apresentação das informações e as demandas geradas pelo público consumidor⁹. Ao encará-las, o protagonismo deste público, que não é um telespectador passivo das produções históricas, impõe o desafio de pensar espaços de compartilhamento de autoridade¹⁰ (FRISCH, 2016). Jurandir Malerba, com olhar voltado à internet, indaga essa questão. Para ele,

A rígida divisão a que estamos familiarizados entre produtores (homens e mulheres treinados na universidade nos fundamentos da história como ciência,

⁸ Para Santhiago, apesar da ênfase dada à divulgação, esse eixo não resume todos os potenciais da História Pública. “Muito do discurso sobre história pública está ligado a palavras como “disseminar”, “divulgar”, “difundir”, “traduzir”, “publicizar”, “publicar”, “transmitir”. A ampliação dos públicos da história, por meio desses recursos, é uma dentre as várias facetas da história pública – e tem implicações metodológicas e teóricas agudas, que merecem um olhar mais demorado” (SANTHIAGO, 2014, n.p.).

⁹ Na visão de Santhiago, o “praticante de história pública conduz sua pesquisa levando em conta as normas e os critérios específicos da “história”, mas também as especificidades do “público” (SANTHIAGO, 2014, n.p.).

¹⁰ O compartilhamento de autoridade diz respeito às possíveis trocas e interações entre os historiadores públicos e o público no desenvolvimento de projetos de divulgação da história. Isso tudo, pela via de desconstrução de algumas hierarquias tradicionais entre conhecimento acadêmico e não acadêmico.

no manejo de fontes e do método crítico) e consumidores de conhecimento sobre o passado se destina em alguma medida a salvaguardar a autonomia dos historiadores profissionais. O processo de ampliação vertiginosa de protagonistas e meios de circulação da história, porém, coloca em xeque aquela divisão. O discurso da autoridade não cola bem no mundo real – muito menos no mundo virtual. Além disso, a web parece configurar-se numa espécie de “esfera pública” que dispensa qualquer “validação” formal ou atestado de competência para uma interpretação particular do passado. Nesse ambiente imune ao discurso da autoridade, parece crucial que os historiadores busquem não apenas o avanço do conhecimento, mas também entender como esse conhecimento vem sendo testado e negociado (MALERBA, 2017, p. 144).

Seguindo a lógica do autor, as redes sociais são espaços privilegiados para se observar esquemas de produção e consumo da história típicos do ciberespaço. Dinâmica que tem levado a uma aproximação entre a História Pública e a discussão sobre os potenciais das plataformas virtuais de interação social. Algo perceptível, por exemplo, nos artigos *História pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo* (2016a) e *Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores as redes sociais online* (2014), publicados por Carvalho, e *Representação do Passado e História Pública: a História das Mulheres na Internet* (2017), de Gabriela Correa Silva. Na visão de Lucchesi (2014, p. 51) – parafraseando o humanista digital Shawn Graham –, “as mídias digitais fazem de toda história, história pública, isto é, ao menos potencialmente divulgada, na medida em que fica acessível para amplas audiências na Internet”.

Neste universo, a relação entre a cidade e a divulgação da memória nas redes sociais é tema relevante para História Pública. Recorte que rememora reflexões desenvolvidas ainda no século XX, no qual, a tentativa de distinguir a “ciência histórica” da “memória” levou a debates simplistas. Nessas discussões predominava a ideia da história como “verdade” absoluta sobre o passado e a depreciação do potencial explicativo da memória (DANTAS, 2008, p. 13). Essa separação validava papéis sociais ao opor ciência histórica e saber memorialístico sem considerar as possíveis trocas e interações entre elas. Problemática, na atualidade, marcada por contornos a serem mais bem explorados pelos historiadores públicos no ciberespaço.

Os genealogistas virtuais

Segundo Magda Rodrigues da Cunha, com o surgimento e disseminação das redes sociais, as memórias individuais passaram por um processo de complexificação, pois em tais espaços podemos “contar histórias de todas as épocas para muitos, tantos quantos possamos e desejemos acompanhá-las. Mas também deixamos nossos registros e percepções

sobre os lugares que visitamos, as experiências que vivenciamos, nos diferentes períodos da vida” (2013, p. 114).

Frente a esse cenário, deve-se considerar o fato dos debates sobre memória serem extensos e nem sempre marcados por consensos entre os pesquisadores. Por esse motivo, cabe ressaltar nossa perspectiva de interpretação deste conceito. Segundo Maurice Halbwachs, a memória coletiva diz respeito ao expediente no qual “nossas lembranças [...] nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Em sua visão, dentro dos sujeitos estão encapsuladas as recordações e experiências de outras pessoas, tempos e lugares (HALBWACHS, 2006, p. 39). Portanto, cada um de nós é uma síntese de lembranças da sociedade da qual fazemos parte. Para Eliza Bachega Casadei, Halbwachs, assim, “nega todos os elementos que possam de alguma forma, remeter ao indivíduo em si e, por isso, seu trabalho recebeu duras críticas” (2009, p. 5).

De acordo com Casadei, algumas dessas críticas feitas por Michel Pollak, são sobre o fato de Halbwachs desconsiderar a existência dos conflitos gerados pela memória coletiva ao obscurecer a dimensão plural das memórias individuais dos sujeitos (2009, p. 6). Na perspectiva defendida por Pollak, a memória oficial seria resultado das disputas entre grupos e versões diferentes sobre o passado, processo de enquadramento responsável por justificar e dar vida a determinadas formas de leitura dos fatos históricos, advindas das memórias de vivências diretas ou indiretas de um passado coletivo ao qual se julga pertencer (POLLAK, 1992).

Nesse âmbito, as tecnologias comunicacionais, ao dinamizarem formas específicas de trato e fruição das informações, acabam impactando os lugares da memória, entendidos por Pierre Nora como “qualquer entidade significativa, material ou não material em sua natureza, que por força da vontade humana ou pelo trabalho do tempo tenha se tornado um elemento simbólico da herança memorial de dada comunidade” (CASADEI, 2009, p. 7). Diante disso, no entendimento de Casadei, quando se observa o uso da internet enquanto palco principal das rememorações de um grupo, surgem os chamados “novos lugares da memória” (CASADEI, 2009, p. 4).

Tais lugares podem compor cenários virtuais marcados pela confusão do excesso de informações disponíveis ou por seus silenciamentos. Sob essa ótica, a comunidade investigada é um lugar da memória sobre a cidade, vivenciado nas fotos antigas digitalizadas, nas *selfies*, nos comentários, nas curtidas e compartilhamentos.

De acordo com Serge Noiret (2015, p. 37):

As memórias de família, com materiais e fontes primárias descobertas em casa, podem ser hoje facilmente compartilhadas. Novos “genealogistas” podem, assim, escrever a história deles, que, por força das circunstâncias, carece de contextos narrativos e do necessário aprofundamento historiográfico. O passado de cada um na rede não é mais distante e historicizado, mas se torna emoção em um presente contínuo, nivelando os tempos históricos pela atualidade.

O termo “genealogista”, presente no fragmento, vai além da preocupação em demonstrar a linhagem de algo. Se assim não fosse, Noiret teria dispensado o uso das aspas. Também fica evidente na fala do autor a percepção de uma conjuntura histórica, social e política de supervalorização das memórias¹¹ na internet, pressuposto alinhado às ideias de Carvalho e Lucchesi. Para os dois autores: o “fascínio pelo passado encontrou terreno fértil para se desdobrar em produções culturais de variados portes, ou simplesmente para se manifestar publicamente em perfis pessoais, comerciais e institucionais como *Facebook, Instagram, Twitter, Flickr*” (CARVALHO; LUCCHESI, p. 155). Isso explica a obsessão demonstrada pelas pessoas em atualizar a todo o momento as informações (fotos, comentários, compartilhamentos etc.) sobre si e sobre os outros nas redes sociais (RENDEIRO, 2011, p. 260).

Sobremaneira, a cidade moderna é um palco de episódios marcados por esta dinâmica. Para Milton Santos, a instantaneidade da comunicação provocada pelo avanço da técnica, devido ao excesso de informações transmitidas, produz a sensação de que os lugares, em escala global, são muito parecidos (1994, p. 178). Contudo, este processo também possui uma característica inversa, pois “cada lugar, na busca de sobrevivência e de individualidade”, também procura “se diferenciar o mais que possível dos demais” (ABREU, 1998, p. 21). Por esse caminho, o estudo dos projetos minoritários de divulgação da história/memória de municípios pequenos pode revelar determinadas representações públicas diluídas pelo ciberespaço.

Olhando para essas particularidades, este artigo configura-se em uma pesquisa exploratória, a qual busca contemplar um tema pouco estudado com objetivo de desenhar um ponto de partida para investigações posteriores de maior abrangência (GIL, 2008, p. 27). Por essa razão, ao abordar a comunidade “Boa Ventura de São Roque é Assim”, apesar de considerarmos a importância do estudo da interatividade entre seus membros, refletida nas curtidas e comentários feitos nas postagens, não nos deteremos

¹¹ Mauricio de Almeida Abreu (1998, p. 35) entende que a incerteza quanto ao futuro disseminada nas sociedades atuais nasce do sentimento da desesperança quanto às benesses do progresso científico, como defendiam os iluministas. Os quais tinham a crença de que os avanços da ciência seriam suficientes para levar o ser humano a um tempo de glória e conquistas, entretanto, os fatos do século XX, as duas guerras mundiais e os ideais de eugenia, provaram totalmente o contrário. Perante essas experiências, os sujeitos passam a desconfiar do futuro e se apegam de maneira bastante particular ao presente e ao passado. Em razão disso, as memórias individuais e coletivas passam a ser supervalorizadas. Processo que impacta a relação entre as memórias dos sujeitos e a interação com as cidades.

de maneira profunda nesse aspecto. Até porque se buscou compreender a *fanpage* como um “lugar da memória”, tangível no acervo histórico divulgado por ela na internet.

O município de Boa Ventura de São Roque: trajetos históricos

Os fatos históricos ligados ao surgimento de Boa Ventura de São Roque ocorreram no século XIX, período em que o médico francês Jean Maurice Faivre, após receber uma doação de terras de D. Pedro II, ocupou uma área na região do atual município de Cândido de Abreu-PR, dando origem à colônia Tereza Cristina. Nela foram grandes as dificuldades relacionadas ao isolamento, o risco de ataques de índios, as epidemias e os problemas financeiros (FERNANDES, 2006, p. 240).

Devido a esses contratemplos, era difícil a população manter-se animada – questão abordada por Josué Corrêa Fernandes (2006, p. 40). Por isso, na segunda metade do século XIX, um grupo evadiu-se da colônia, e chegou onde hoje está o município de Boa Ventura de São Roque. Anos depois, a região também foi alvo de migração de famílias de Prudentópolis-Pr, o que explica a grande presença de descendentes de ucranianos na sua composição étnica (MIRANDA et al., 2001, p. 1-2).

Nas primeiras décadas de ocupação do lugar, a principal mão de obra empregada era familiar, utilizada principalmente na agricultura de subsistência e no cuidado dos animais para consumo. Exceto pelas roupas, açúcar e sal, quase tudo era produzido nas pequenas propriedades (MIRANDA et al., 2001, p. 2-3). Nesse sistema, a vida no campo corria distanciada da dinâmica dos espaços urbanos da época, reforçando o sentimento de solidariedade imbricado nos laços de avizinhamiento e nas práticas comunitárias, quase sempre forjadas pela participação nos ritos do catolicismo.

Posteriormente, devido à inserção da prática da engorda extensiva de porcos, da extração de madeira e da coleta da erva-mate (1940-1980), a mão de obra familiar continuou a ser utilizada, apesar de fragmentada em outras atividades mais capitalizadas, como as serrarias e os barbaquás espalhados pela região (MIRANDA et al., 2001, p. 2-3).

Sobre a criação de suínos, podem ser encontrados diversos relatos sobre a história de pessoas que conduziam porcos de áreas distantes até o povoado de Boa Ventura, próximo de onde normalmente um caminhão aguardava, ou em frente a um dos lugares mais conhecidos pela população local – a Igreja São Roque. Desse ponto e de outros não especificados nos vários relatos disponíveis, os animais eram levados até a

cidade de Ponta Grossa. Nessa época, vários safristas¹² saíam de madrugada de suas casas, pois tinham que enfrentar longos trechos de caminhada.

Em tais circunstâncias eram comuns problemas ligados à distância e a falta de recursos. E isso forçava as pessoas a usar as plantas e os animais de forma pouco convencional para os dias de hoje, principalmente na produção de remédios caseiros. Como resultado, muitas foram as gestantes que tiveram seus filhos tomando bebedeiras de banha de raposa e tantas outras mais exóticas (LIMA; SILVA, 2014, p. 3-4). Quando Boa Ventura de São Roque se tornou distrito administrativo de Pitanga em 1957, as dificuldades provocadas pela distância das benesses da vida moderna só não eram maiores que a grande habilidade demonstrada por seus moradores de revertê-las a seu favor.

Nessa época, a área era parte da região conhecida como “grilo do tigre”, em razão da presença de grileiros responsáveis por matar ou expulsar seus primeiros povoadores. Segundo José Erondy Lurkiv, tratava-se de uma localidade em que a presença do Estado visava sanar os problemas da falta de documentação de terras e, nos casos mais difíceis, decifrar os documentos falsificados. Em muitas circunstâncias, a inexistência de registros fundiários decorria do estilo de vida de uma população inadaptada a determinados mecanismos de controle da vida social¹³.

Conflitos de terra foram marcas dos primeiros anos de povoamento do local. E mesmo com inúmeras dificuldades, a região só deixou de pertencer à estrutura administrativa de Pitanga em 1995, pois, entre 1988 e 1996, a consolidação da abertura democrática e o fim da ditadura militar abriram um espaço maior para a articulação de diversos grupos políticos no Paraná. Logo, surgiram, então, 76 novos municípios em várias regiões (SILVA; ZINKE, 2017, p. 154).

Dentro desta conjuntura, um projeto antigo foi levado adiante: emancipar o distrito de Boa Ventura. O processo emancipatório foi viabilizado pelos dispositivos da Constituição Federal de 1988 e da Constituição do Estado do Paraná de 1989. Esta última estabelecia, em seu artigo 19, diversos critérios para o processo de emancipação, entre os mais notórios, a necessidade de um plebiscito popular, quantidade mínima de população e estudos de viabilidade municipal. Tais critérios foram “atendidos” com a articulação de agentes externos, como o então deputado Renato Adur, autor do projeto

¹² “Com relação à criação e engorda extensiva de porcos, quem praticava essa atividade era conhecido como “safrista”. A atividade do safrista consistia em plantar roça de milho, onde depois de madura, os porcos eram largados para engordar, alguns safristas colhiam as espigas de milho maiores, outras não. A “safra” ficava pronta a partir de agosto e os porcos eram tocados, a pé” (MIRANDA et al., 2001, p. 1-3).

¹³ Para José Erondy Lurkiv, a desatenção por parte da população em “relação à documentação, talvez, ligue-se justamente ao fato da ausência, durante muito tempo, do Estado na vida das populações, assim como uma visão diferente da propriedade e do uso da terra, muito ligada à sua sobrevivência, e ainda, pode-se dizer, às táticas que os sujeitos criam diante à ação normatizadora” (1999, p. 42).

de lei nº 11.176, responsável por criar o município, e o governador Jaime Lerner, quem a sanciona (SILVA; ZINKE, 2017, p. 161).

Em síntese, a história oficial de Boa Ventura possui elementos recorrentes ligados ao relato da ocupação de seu território, à menção às famílias tradicionais – em sua grande parte, descendentes de ucranianos –, a política e a economia local. Nesta narrativa, são inquietantes os silenciamentos sobre fatos, pessoas, objetos e lugares do passado.

Boa Ventura de São Roque é assim

O nome da comunidade virtual possui algo interessante (ver imagem 1). A palavra “assim” guarda correspondência com a expressão “deste modo” e alude à ideia de estado permanente ou momentâneo de alguma pessoa, objeto etc. Sua utilização no título da comunidade, em complemento ao topônimo “Boa Ventura de São Roque”, evidencia os contornos de um projeto voltado à apresentação desta cidade. A qual, devido à distância de 12 km em relação à PR-466 e à localização geográfica desprivilegiada, possui certa carência de maior visibilidade.

Para Bernard Lepetit, na cidade, além de uma disposição física que a caracteriza, existe uma relação valorativa entre os seres humanos e as coisas (2001, p. 245-250). Com perspectiva semelhante, segundo Regina Maria Prospero Meyer, o estudo do urbano não pode se omitir do entendimento sobre a construção simbólica dos sujeitos acerca do espaço construído, pois, oculto sob “novas e ainda não discerníveis formas de organização espacial, a cidade propõe novos códigos”, por isso é “indispensável ir atrás deles, aprendê-los e interpretá-los”. Para a autora, a compreensão sobre o que é a cidade envolve as representações simbólicas dos sujeitos (1993, p. 13-15).

Imagem 1. Fanpage “Boa Ventura de São Roque é Assim”.



Fonte: BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, 2012

Se considerarmos as ideias de Lepetit e Meyer, a forma que interagimos com a cidade precisa ser desnaturalizada. Afinal, as expressões ligadas a ela e a sua importância para cada um dos seus habitantes dependem de elementos históricos nem sempre perceptíveis na vida cotidiana das pessoas.

Dessa perspectiva, da relação entre os sujeitos e a cidade, pode-se indagar a seguinte postagem do administrador da comunidade, do dia 6/7/2016, sobre a história de Boa Ventura de São Roque.

Quando os Primeiros colonizadores chegaram neste lugar jamais imaginariam que hoje esta cidade estaria tão bonita. Só quem nasceu aqui mesmo pra saber e poder dizer do quanto este lugar é bom pra se viver. Tem gente que quer que as coisas aconteçam muito depressa. Mas, o Progresso chega devagarinho. Gostamos deste lugar do jeito que ele foi e do jeito que ele é povo hospitaleiro e Gente trabalhadora. Assim é Boa Ventura de São Roque (BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, 2012).

Rafaella Prata Rabello ressalta que a rede social *Facebook* possibilita o encontro com a urbe do passado e a manifestação do afeto dos sujeitos ao reencontrá-la. Ela chama a atenção para existência de uma “cartografia sentimental”, ou seja, a forma como os indivíduos apropriam-se cognitivamente da cidade ao darem elevada importância a alguns lugares e obscurecerem a relevância de outros (RABELLO, 2015, p. 24). Seria o caso de observar o quanto uma praça do centro de uma metrópole pode ter uma relevância sentimental maior para alguns jovens, se comparada com outras praças nela existentes. Portanto, sempre existe a sensação de perda dos referenciais perante as inevitáveis mudanças operadas nesses lugares. E como consequência, a melancolia nos faz imaginar lugarejos antigos pelos quais passamos um dia, pois a “memória possui uma característica fantasmagórica porque as ruínas criam a presença da ausência” (RABELLO, 2015, p. 115).

Contudo, no caso da comunidade analisada aqui, apesar da melancolia, a representação da cidade do passado é utilizada de maneira a reafirmar um presente no qual as mudanças ocorridas são positivadas ao contraporem-se a um período histórico recente no qual um número reduzido de pessoas possuía um carro, as vias de acesso ao lugar eram caóticas, fazer uma simples ligação de telefone dava um trabalho inimaginável, entre outras circunstâncias.

Tais percepções perpassam a narrativa histórica produzida pela *fanpage*. No entanto, no expediente dela é difícil visualizar a proporção exata em que a história oficial do município lhe serve de referência, pois os comentários, curtidas e compartilhamentos das postagens não oferecem clareza quanto a esse aspecto.

Mesmo assim, a comunidade analisada, de acordo com a postagem do seu administrador, do dia 23/3/2013, busca contar a história da cidade e da gente de Boa Ventura “postada em fotos” (BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, 2012). Objetivo evidenciado dentro do conjunto de publicações listadas no quadro abaixo:

Tabela 1. A cidade em fotos digitalizadas.

Enunciado das imagens	Data da postagem
“Desfile cívico 2010”	5/3/2019
“Supercreche está em fase final de construção e deverá beneficiar mais famílias em Boa Ventura de São Roque”	16/2/2019
“SAMAE – Sistema Autônomo Municipal de Água e Esgoto”	3/3/2019
“Boa Ventura de São Roque, 2019, nossa cidade está cada dia mais bonita.”	13/2/2019
“Alguém se lembra do campinho? quem já jogou aqui? ele ainda existe atrás da casa paroquial”	13/2/2019
“2013-2015-2019 Vimos o campo de futebol muito mais revitalizado. O parque precisa de alguns reparos, mas mesmo assim continua sendo nosso cartão postal.”	6/2/2019
“Início da construção do novo Colégio Adonis Morski”	6/2/2019
“Pra quem está longe daqui, mas nasceu aqui, dá pra matar um pouco a saudade ver como esta nossa querida Boa Ventura de São Roque.”	29/11/2015
“O antigo Estádio Beira Rio hoje Estádio Edgar Paulo Becker. É um dos melhores estádios da nossa região. Parabéns ao município por manter o campo em ótimas condições de uso.”	6/2/2019
“Esta foi tirada em frente ao colégio estadual. Anos 80”	9/7/2017
“Igreja matriz de São Roque na década de 1970”	4/4/2016
“Construção do Colégio Adonis Morski”	3/4/2015
“Colégio Estadual de Boa Ventura nos anos 80”	9/7/2017
“Estrada antiga. Avenida Dalzotto em frente ao lavacar do Duarte e Manchur”	2/2/2017
“Foto tirada ao lado da matriz São Roque na década de 1970”	2/2/2017
“Boa Ventura de São Roque. 29 de novembro de 2015”	29/11/2015
“Casa da Cultura..., museu. Visite...lá tem um pouquinho da nossa história”	4/4/2016
“Nossa cidade cresce a passos largos. Parabéns ao povo querido de Boa Ventura”	31/10/2015
“Boa Ventura de São Roque.Avenida Dalzotto. Anos 80 e 2015” (foto tirada do mesmo local)	11/5/2015
“Boa Ventura de São Roque – início da emancipação política”	9/5/2015
-	18/12/2013
“Boa Ventura de São Roque anos 80 e 2014”	6/7/2014

Fonte: BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, 2012.

No *Facebook*, os “fragmentos das memórias formam uma espécie de catálogo com as descrições de imagens da cidade” (RABELLO, 2015, p. 25). Assim, os enunciados descritivos de cada um dos *posts* desnudam representações sobre o passado decorrentes das mudanças ocorridas na urbe. Contemplar a historicidade dessas postagens, ao relacionar enunciado e imagem, é uma estratégia relevante no sentido de entender como episódios não registrados na história oficial de Boa Ventura de São Roque ganham relevância na comunidade¹⁴, especificidade aqui observada.

A postagem 1 foi realizada no dia 7/9/2012, assim descrita:

Chegada do bispo D. Frederico Helmel a Boa Ventura na década de 70. A foto foi tirada em frente da oficina do Celso Dalzotto. Na foto o vereador da época e presidente da igreja senhor Bernardino Dalzotto indo receber o bispo acompanhado do senhor Rafael Gloeden (*in memoriam*) (BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, 2012).

O lugar onde se passa a cena descrita no enunciado acima corresponde ao espaço atual da Avenida Dalzotto. Essa cena (imagem 2) também é uma referência à história desta avenida, não asfaltada na época.

Imagem 2. A chegada de Dom Frederico Helmel a Boa Ventura de São Roque – década de 1970.



Fonte: BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, 2012.

¹⁴ Ulpiano Toledo de Bezerra Menezes (2003, p. 25-31) alerta sobre a necessidade de entender a imagem enquanto síntese de um processo histórico e não somente comprovação objetiva de algo. Por exemplo: a fotografia antiga de uma rua pode revelar como ela era há 50 anos, mostrar a arquitetura das várias casas, posteriormente substituídas por comércios, flagrar o movimento dos transeuntes, das crianças a brincar e o ritmo frenético de uma cidade em crescimento. No entanto, uma análise preocupada somente com aquilo que está perante os olhos ficaria refém dos potenciais da visão. Por isso, Menezes destaca a importância de transcender a imagem em busca do plano histórico do qual ela é testemunha.

Frederico Helmel foi o primeiro bispo da Diocese de Guarapuava e sua visita a Boa Ventura de São Roque evidencia a grande presença do catolicismo no município e o vínculo afetivo com suas práticas sociais e religiosas, perceptível na quantidade de material imagético disponibilizado sobre as igrejas antigas da região, as santas missões, as festas e outras experiências dessa natureza, por exemplo, as mesadas de anjo.

A imagem 3 foi postada em 7/9/2012, descrita da seguinte maneira: “Desfile de 7 de setembro de 1988. A foto foi tirada subindo a rua que hoje é a Avenida São Roque, atrás do Supermercado Nahn” (BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, 2012). A criança posicionada no meio da foto está segurando a bandeira do município de Pitanga, pois na época Boa Ventura de São Roque era uma de suas áreas distritais. Deste modo, a fotografia contém elementos da história política boaventureense, além de retratar as atividades cívicas, das quais os estabelecimentos de ensino sempre participavam.

Como assevera Halbwachs, recorreremos aos registros do passado visando reforçar as lembranças sobre ele: “Assim, quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro de que muitas partes foram esquecidas”. E, ao enfatizar melhor este aspecto, ele pontua: “a cidade que habita na memória aparece no presente. Mesmo transformados, danificados ou extintos, os lugares e os acontecimentos pretéritos são rememorados” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Imagem 3. Desfile de 7 de setembro de 1988.



Fonte: BOA VENTURA DE SÃO ROQUE, 2012.

Tal processo justifica a existência de uma narrativa na comunidade virtual que associa a emancipação política do município com certa ideia de progresso do espaço urbano, testificada pela quantidade de fotos sobre os comércios, as construções mais atuais, pavimentação asfáltica, em algumas circunstâncias colocadas em situação

comparativa com as fotos mais antigas. Este discurso é perceptível também em outras fontes, como na fala de Adelar Pereira, que escreve num tom de relato dos primeiros anos de existência do município recém-emancipado: “as ruas e avenidas estão sendo pavimentadas com asfalto e calçamento. A administração local está investindo na infraestrutura e desenvolvimento do município” (PEREIRA, 2003, p. 52-53). Pereira refere-se à pavimentação da Avenida Dalzotto, espaço onde, até os dias atuais, existem comércios, serviços públicos e, além disso, palco onde a vida social da cidade ocorre intensamente.

Considerações finais

Este trabalho analisou a comunidade “Boa Ventura de São Roque é Assim”, entendida como um tipo de história feita pelo público. Na reflexão desenvolvida, destacamos os seguintes pontos: (1) a importância de compreender o mapa afetivo acionado pela rememoração de determinados espaços da cidade; e nesse mesmo horizonte, (2) a relação das iniciativas de divulgação histórica e as transformações ocorridas no espaço urbano vivenciado pelos sujeitos.

Somado a isso, os projetos de história, feitos pelo público, que estão dispersos pela rede mundial de computadores, em especial aqueles sobre municípios brasileiros, nos quais a narrativa de sua história tende a reforçar características e (auto) representações locais, cobra dos historiadores públicos determinada predisposição ao diálogo com os genealogistas. E no caso da divulgação da memória e história da cidade feita em redes sociais, desenhar o quadro de trocas e compartilhamento de autoridade entre os diferentes interessados, compõe-se em uma demanda para a qual ainda não existem respostas fechadas, contudo, a reflexão sobre ela passa pelo reconhecimento da legitimidade dos espaços virtuais como formas de acesso público ao passado.

Nesta direção, é pertinente entender a dinâmica técnica e humana das iniciativas de divulgação histórica desenvolvidas pelo público na internet. Sobretudo, ao pensar projetos de história pública da cidade que explorem as potencialidades das redes sociais para construção de narrativas históricas colaborativas moldadas a partir das memórias e experiências sociais dos indivíduos e grupos existentes na urbe.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras*, Porto-Portugal, v. 15, n.4, p. 19-39, jan./jun. 1998.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira. História pública: entre as “políticas públicas” e os “públicos da história”. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE

HISTÓRIA, 2013, Natal -RN. *Anais: Conhecimento histórico e diálogo social*. Natal-RN, 2013. p. 01-02.

BOA VENTURA DE SÃO ROQUE É ASSIM. *Fanpage de Boa Ventura de São Roque é Assim*. Boa Ventura de São Roque - PR, 20 fev. 2012. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/235013786593523/>. Acesso em: 10 fev. 2016.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor. Faça aqui o seu login: os historiadores, os computadores as redes sociais online. *Revista História Hoje*, v. 3, n. 5, p. 165-188. 2014.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor. História pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Revista Transversos*, Rio de Janeiro – UERJ, 2016a, v.7, n.7.p.35-53. Ago. 2017.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor; LUCCHESI, Anita. História digital: reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016b, p.149-163.

CASADEI, Eliza Bachega. Os Novos Lugares de Memória na Internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente online. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, Corvilhã- Portugal, v. 1, p. 1-27. 2009.

CUNHA, Mágda Rodrigues. Cidade e memória nas redes sociais na internet. *ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 113-128, set./dez. 2013.

DANTAS, Camila Guimaraes. *O passado em bits – memórias e histórias na internet*. 2008. 149f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FERNANDES, Josué Correia. *Saga da esperança: socialismo utópico à beira do Ivaí*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. Ensino de história, mídia e história pública. In: MAUAD, Ana Mari; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p.185-194.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority. In: MAUAD, Ana Mari; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p.57-70.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

HALBWACHS. Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

IPARDES. Caderno Estatístico – Boa Ventura de São Roque – 2017. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85225>. Acesso em: dez. 2017.

LURKI, José Herondy. *A Revolta do Tigre (1955) Posseira, proprietários e grileiros: uma luta de representação*. 124 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em história, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

JUNIOR, Jorge Pagliarini. Histórias de municípios narradas nos seus sites oficiais: a História Pública e seu potencial para a pesquisa histórica. *Revista Tempo e Argumento - UDESC*, Florianópolis, 2017, v. 9, n. 20, p. 247 - 266. jan./abr. 2017.

LEPETIT, Bernard. A evolução da noção de cidade segundo os quadros geográficos e descrições da França (1650-1850). In: Heliana Angotti Salgueiro (org.). *Por uma Nova História Urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 245-264.

LIMA, Edson; SILVA, Clayton Luiz. Reflexões acerca de aspectos históricos do município de Boa Ventura de São Roque e entorno como subsídios ao ensino de geografia. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFOS, 2014, Vitória- ES. *Anais*. Vitória- ES: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, 2014. p.1-4.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. *Boletim Historiar*, Sergipe, n. 02, p. 45-57, mar./abr. 2014.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History. *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 1, n. 15, p.27-50. 2014.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, nº 74, p.135-154, 2017.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 3, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

MEYER, Regina Maria Prosperi. O papel da rua na urbanização paulistana. In: MEYER, Regina Maria Prosperi (org.). *Cadernos de História de São Paulo: a cidade e a rua*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1993. p.13-25.

MIRANDA, Carlo et al. *Da Aventura a Boa Ventura. Boa Ventura de São Roque*. Boa Ventura de São Roque: Projeto Vale Saber, 2001.

NOIRET, Serge. História pública digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 28-51, 2015.

PEREIRA, Adelar Candido. *Desenvolvendo Ecoturismo Rural em Boa Ventura de São Roque*. Boa Ventura de São Roque: Prefeitura Municipal, 2003.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RABELLO, Rafaella Prata. *A Juiz de Fora que habita na memória: uma cartografia sentimental da cidade na comunidade virtual “Maria do Resguardo*. Dissertação (mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

RENDEIRO, M. E. Orkut e Facebook: as teias da memória em meio às redes sociais. *Ciências Sociais Unisinos*, v.47, n.3, p. 256-262. 2011.

SANTHIAGO, Ricardo. *O público como protagonista da história - 2014*. Disponível em: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/o-publico-como-protagonista-da-historia>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 39-62.

SILVA, Gabriela Correia da. Representação do Passado e História Pública: a História das Mulheres na Internet. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 162-184. set./dez. 2016.

SILVA, Marcia; ZINKE, Idair. A emancipação político-administrativa de Boa Ventura de São Roque/Pr e seus efeitos ao desenvolvimento sócio-territorial. *Revista do Grupo de Pesquisa Mídias e Territorialidades Ameaçadas*. Tocantins, vol.1, n. 01, p. 151-170, jul./dez. 2016.

SOARES, Fagno da Silva. A História Pública no Brasil entre práticas e reflexões: a oficina historiográfica de Ricardo Santhiago entre a história oral e a História Pública. *Revista Observatório*, Palmas, v. 3, p. 569-585, Abr./jun. 2017.